

"Trajado, cabelo na régua e posturado, vou para qualquer lugar": produção das masculinidades em barbearias na zona oeste do Rio de Janeiro

Carlos Gonçalves da Fonseca¹

Introdução

O presente trabalho analisa a construção das masculinidades na Zona Oeste do Rio de Janeiro a partir das sociabilidades e das práticas de consumo observadas em barbearias localizadas no bairro de Guaratiba. Parte-se do entendimento de que esses espaços, especialmente por meio do corte de cabelo e das interações ali estabelecidas, configuram-se como locais privilegiados de produção e performatividade das masculinidades. O objetivo central é compreender as instâncias de elaboração dessa performatividade, investigando como as masculinidades são construídas, negociadas e expressas nesse contexto. Para isso, a metodologia adotada incluiu a realização de etnografia em uma barbearia do bairro, entrevistas com barbeiros, clientes, visitantes e vendedores — sujeitos que compõem esses espaços —, além de uma netnografia sobre a representação dessas barbearias nas mídias sociais. Também foi realizado um levantamento bibliográfico que fundamenta teoricamente a análise. Este trabalho busca contribuir para a complexificação do debate sobre as intersecções entre raça, gênero, classe e território (Crenshaw, 2002), propondo compreender o masculino a partir da noção de pessoa em uma perspectiva relacional. Assim, as masculinidades não são tratadas como identidades fixas, mas como construções produzidas e performadas nas interações, nas sociabilidades e nas relações cotidianas, evidenciando as formas plurais de ser masculino.

Situando o campo de pesquisa

Busco nesta parte colocar um pouco dos achados obtidos nas visitas, pesquisas e entrevistas realizadas até agora. Primeiro vou situar onde a pesquisa é realizada, trazendo alguns dados. Depois adentro ao material etnográfico. A cidade do Rio de Janeiro apresenta importantes desigualdades socioespaciais. De modo geral, o Centro e a Zona Sul concentram parte significativa da infraestrutura urbana, dos serviços e dos equipamentos públicos e privados mais valorizados da cidade. A Zona Norte reúne

¹ Doutorando pela Universidade Feral Rural do Rio de Janeiro no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.

bairros marcados por grande diversidade socioeconômica, abrangendo predominantemente segmentos das classes média e média baixa. A Zona Sudoeste, composta por bairros como Recreio e Barra de Tijuca, vem se consolidando como uma região emergente, marcada por acelerados processos de crescimento urbano, expansão imobiliária e transformações demográficas, ocupando uma posição intermediária entre a periferia tradicional e os novos vetores de desenvolvimento da cidade; por último, a Zona Oeste, por sua vez, constitui uma extensa área da cidade periférica e à concentração de populações de baixa e média renda (Lima e Carvalho, 2016, p. 17).

É em Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde a barbearia pesquisada está localizada. Sobre a Barbearia do Brendon, antes de identificá-la, vale traçar um pouco a trajetória do seu fundador. Brendon² é um barbeiro e influenciador digital, morador da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Tem 27 anos e mora no sub-bairro da Praia da Brisa, onde também está localizada sua barbearia. Brendon se vê enquanto um rapaz “moreno”. Ser, segundo ele, “moreno de olhos verdes” o ajudou em sua carreira de influenciador digital. Sua página no Instagram possui mais de 24 mil seguidores, onde 24 de suas publicações são pequenos vídeos sobre ele mesmo, não tendo nenhuma referência à barbearia. Lá, ele posa sem camisa, destacando seu corpo e suas tatuagens. Na biografia da sua página, está escrito “Carioca, 021, moreno”,

Sua loja é uma pequeno quarto construído ao lado de sua residência. A barbearia ainda não possui um nome, sendo conhecida pelos seus frequentadores e moradores como “Barbearia do Brendon”. Os serviços de corte ali são variados: indo desde cortes mais simples, o “corte militar/asa delta”, até cortes mais complexos, com a utilização de tintas, nos processos de tingir e descolorir os cabelos, e se oferece o serviço de fazer e aparar a barba. Os preços variam de 25 a 40 reais, indo do mais simples, o asa delta, ao mais complexo, onde é utilizada a tinta. A utilização de tinta ocorre em dois cenários: quando o cliente quer mudar a cor de seu cabelo ou quando quer corrigir alguma “falha”. Nesse segundo caso, a tinta preta é utilizada para realçar o tom preto do cabelo, escondendo as áreas calvas ou falhas no couro cabelo. Não há um catálogo na barbearia com os cortes de cabelo. Pressupõe que o cliente saiba, de antemão, qual corte vai querer, o que não impede de pedir a sugestão para o barbeiro. Os cortes mais pedidos são o “corte do jaca”, o “corte americano” e o “moicatrem”.

² Nome fictício. Acho importante preservar o anonimato, pois algumas tramas ali faladas envolvem episódios com processos de agiotagem, grupos paramilitares e outros assuntos controversos.

O corte do Jaca é amplamente utilizado por jogadores de futebol, como Neymar, Philippe Coutinho, entre outros. Outro corte de cabelo famoso utilizado nas periferias e que ganhou um certo destaque no espaço público foi o corte americano, que se caracteriza pelas laterais raspadas e pelo degradê, onde o volume dos fios se concentra no topo da cabeça. Brendon relata que antes disso eram comuns outras formas de modelar o cabelo, como o cabelo alisado. Traços estigmatizados, como cabelo crespo, eram contidos nessas técnicas de alisamento. O próprio estigma internalizado começou a se materializar. Pode-se ver isso como nos casos de procedimentos estéticos no nariz e em outros procedimentos a fim de “afinar os traços”, bem como também produtos químicos e outras práticas para “alisar” o cabelo. O caso do Michael Jackson ilustra bem isso. Embora se defendesse que “mudou” de cor por conta do vitiligo, o cantor realizou diversos procedimentos estéticos como cirurgias plásticas a fim de “afinar seus traços”.

Todas essas estratégias estéticas seriam formas corrigir essa “base” do estigma. No bojo disso, esses estigmas se acoplam também aos imaginários sobre a favela, sobre a periferia, que é vista como um lugar degenerado, degredado, lugar do perigo. O cabelo crespo aparece como uma espécie de sinalizador desse perigo. Nessa relação sobre essa visão acerca dos sujeitos periféricos e da favela como o lugar do desvio, vê-se relacionalmente como o rótulo do desvio (Becker, 2008, p. 26) se ligou aos sujeitos periféricos. Nesse panorama, diversos grupos criam suas regras e tentam impô-las. O espaço social (Bourdieu, 1997) transforma-se numa arena na qual os sujeitos ou aceitam a definição de situação que outrem definiu a ele ou busca, no campo, a partir dos seus capitais, a disputa pela legitimidade de suas práticas.

Considerações finais

A partir das contribuições de Rolf Malungo de Souza (2014), a masculinidade pode ser compreendida como uma construção social e coletiva, produzida por meio de práticas que buscam reconhecimento, visibilidade e prestígio dentro de determinados grupos. Longe de ser uma condição biológica, ela é atravessada por marcadores como classe, raça, território, religião e geração, em diálogo constante com modelos hegemônicos de masculinidade. Para Souza (2014) há uma masculinidade hegemônica que estrutura as relações de poder e nas sociedades ocidentais, em especial as que tiveram a experiência colonial, a masculinidade hegemônica é branca, heterossexual e burguesa (Souza, 2014). Os homens que fazem parte das minorias sexuais e étnicas são os

principais grupos marginalizados pela masculinidade hegemônica - a masculinidade hetero branca - visto que estão, em termos simbólicos, mais distantes dos padrões criados e mantidos pelo grupo dominante. Para isso, o uma forma de compreender como se dão os processos de constituição da masculinidade ocidental - sobretudo a hegemônica - parte da investigação da construção social do seu outro fundamental: a masculinidade negra (Souza, 2014). Nesse contexto, o corte de cabelo emerge como um importante recurso de performatividade de gênero, funcionando como um marcador visual por meio do qual os sujeitos reorientam-se do estigma para o orgulho, expressam pertencimento territorial, constroem reputações e negociam formas específicas de reconhecimento masculino em seu universo social.

O realinhamento da definição sobre o negro, no qual traços que o marcavam, ideias e a visão espacial sobre a favela passaram do estigma - ou seja, de algo que conferia a “inferioridade” dessa população, o que afetaria a sua “entrada” plena na sociedade - para se transformarem na maneira na qual tais sujeitos se constroem e ocupam a cidade. Da ideia negativa sobre o negro, sobre a cultura periférica, ocorre um processo de autovalorização por esses próprios sujeitos sobre os quais recaem esses estigmas. O corpo periférico é a forma analisada que, a partir do consumo, não só reorganiza a biografia desses sujeitos, como constrói-se, onde traços, cabelo, vestuários são o pacote, na ideia de Goffman (1975), a “fachada” para tal formação.

Outras dinâmicas percebidas são como o corte de cabelo, o estilo, a performatividade das masculinidades organiza relações internas entre esses sujeitos. A maior parte das conversas na barbearia gira em torno de relacionamentos com mulheres, demonstrações de virilidade e pertencimento territorial. Relatos sobre conquistas amorosas, aparência física e a condição de ser “cria” aparecem como elementos centrais na construção e no reconhecimento das masculinidades locais, sendo reforçados em espaços de sociabilidade do bairro. Além desses temas, surgem discussões sobre conflitos cotidianos, dívidas, violência, música, futebol e a atuação de grupos que regulam a vida local. Reputação, confiança e formas de resolução de conflitos constituem dimensões importantes das relações sociais e dos critérios de reconhecimento entre os moradores. De modo geral, a barbearia se apresenta como um espaço de performatividade de gênero, onde masculinidades são constantemente produzidas e negociadas. Nesses processos, atributos corporais, comportamentos, pertencimento territorial e marcadores raciais se articulam na construção de identidades, prestígio e legitimidade social no bairro.

Referência bibliográfica

BECKER, Howard S. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas sobre a Teoria da Acção*. (trechos) Oeiras: Celta, 1997.

CRENSHAW, K.. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar. 1975.

LIMA, Camila; DE CARVALHO, Silva. Escalas da desigualdade urbana-a cidade do Rio de Janeiro e as favelas. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, n. 11, p. 11-23, 2016.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. *Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente*. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, [s. l.], n. 34, 2014. DOI: 10.22409/antropolitica2013.0i34.a41516. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41516>. Acesso em: 6 set. 2025.